



O terreno, em Peniche, onde está projectada a construção da central nuclear

Foto de Fernando Basilo

# A guerra do átomo «pacífico»

(Continuado da 1.ª página)

Essamos afinal a chorar um monstro. Acabramos, estamos a fazer figura de carideiras choronas, vendo o cadáver e sem sermos capazes de o possucitar.

O povo de Ferrel protesta porque já sabe que uma central nuclear — o princípio do fim. A radioactividade não perdoo. Os resíduos constituem um problema de limpeza insólito. O plutónio é o produto mais tóxico que já houve sobre o planeta e basta uma claranja dele para matar todos os seres vivos do planeta. As fissuras verificadas na tubagem de refrigeração obrigaram mais de vinte reactores norte-americanos. Já em 1974, a suspensão totalmente a sua actividade. E os técnicos responsáveis pelas centrais daquele grande e próspero país têm vindo a pedir a demissão dos seus cargos, tal o escândalo que a insegurança de segurança de tais instalações da morte provou ter.

Quanto a segurança, porém (e porque o «dossier» que desmascara isso tudo é vastíssimo, dá para alguns volumes), basta lembrar que nenhuma companhia de seguros cobriu ou cobrirá riscos por acidentes verificados com reactores.

Uma companhia de seguros não nasce para morrer e muito menos para se arruinar. Por isso não se mete com reactores. Por isso guarda uma certa margem de segurança, e cobre-se de criar apólices para defender os homens do plutodemonio.

No entanto, — e dado que vivemos uma estranha e disastrosa época de loucos à solta —, candidata-se um país à ruína e ao fim com a burria das centrais — que os outros rejeitam, que os outros detestam borda fora, que os ou-

tros desalojam a pontapé do alto a baixo, a política e a economia de um país, se tal Antes de ser um problema for necessário para inter-

## O povo de Ferrel diz «não»

«Foi na manhã de segunda-feira, 15 de Março, que a população de Ferrel levou a cabo a primeira acção vigorosa contra a central nuclear projectada para o norte daquela localidade.

Ao toque do sino a população foi-se juntando no largo da igreja, para ir até ao Monho Velho mandar parar as obras. Alguns portam para o trabalho com a enxada ao ombro.

As razões da ida vêm expressas no comunicado distribuído à população do concelho, onde se pode ler: «Que os inconvenientes dos quais se destacam a poluição do meio ambiente, com graves perigos para a saúde (aumento de cancro, etc.), morte de espécies marinhas (peixes e moluscos), afectando assim as importantes actividades agrícolas e piscícolas, aumento da dependência económica e política do nosso País em relação ao país vendedor da central e ao que irá preparar o urânio para o seu funcionamento, são largamente superiores às vantagens que tal construção possa vir a ter.»

A firme decisão de não deixar ir para a frente aquela obra está bem patente nas frases que se ouviam: «Força, força, a partir essa merda ida. Já vieram corridos de alguns lados, também há-de ser corridos daqui.»

(In «O Arado», jornal popular do concelho de Peniche, n.º 9, 16-Março-1976).

ecológico (e foram os militantes da Ecologia radical quem primeiro deu o alarme, em todo o Mundo), esta história da central nuclear prevista para Ferrel, mais concretamente Praa d'El Rey, é uma história meio policial e meio James Bond, um romance de multinacionais e seu jogo de livre arbitrio com os povos nacionais.

Pondo e dispendo dos povos, a seu belo prazer, eis que uma prepotente Westinghouse ou uma omnívidente General Electric não admitirá entraves aos seus planos, desígnios e lucros. Inclusive, modificará, de

aqui um reactor. Não ouvirá razões (em que época e lugar é que uma multina-

ria-prima em vias de esgotamento à escala mundial, nos próximos anos... Quando a «nossa» central estiver pronta a funcionar (daqui a oito, dez, doze anos?), acabou-se o urânio e lá ficamos nós com uma central-monumento, tão linda e tão útil, pelo menos, como o Cristo-Rei no ocuro de Almada.

Tudo isto tem a ver com o melhor surrealismo e o humor mais delirante que algum poeta já atingiu. Tudo isto tem a ver com o terror da nossa época e a difícil transição da Era da Escuridão para a Era do Idade Sola. Tudo isto é o resfolegar do monstro (capitalista) que agoniza e portanto é anedótico, apenas anedótico, mas nada disso tem a ver com aspectos ecológicos.

Os grandes negócios entre (pre)potências escapam-nos, antecedem-nos, ultrapassam-nos.

Mas dizem — lá isso dizem directamente respeito ao respeito que um Governo tem ou terá pelo povo e pelo País que governa.

Vote contra a central, votar pelo socialismo

Como ficou bem expresso nas sessões de esclarecimen-

tar pela democracia, pelo socialismo, pelo povo.

Vote pela central e por quem a quer impingir e votar pela General Electric, pela Westinghouse, por tudo o que a central simboliza, por tudo aquilo que traz no bojo e por tudo o que arrasta.

Nos concelhos de Caldas e Peniche, o povo toma consciência acelerada de que a luta ecológica é uma luta de emancipação económica e pelos direitos fundamentais do povo português. Uma luta, por isso, superpartidária. Uma luta unitária. Uma luta popular. Uma luta de base.

Se há partidos hesitantes e «repartidos» no seu próprio seno hierárquico quanto a dizer «sim» ou «não» à central nuclear, é porque há partidos «repartidos» e hesitantes, no seu próprio seno, em dizer «sim» ou «não» à Reforma Agrária e a todos os avanços da democracia.

O debate antinuclear neopopularismo de colar um rótulo simpático na lapela, viran-

## Impor a Portugal o que eles já não querem

Em 21 de Setembro de 1974 a Comissão de Energia Atómica (AEC), dos Estados Unidos, ordenou a 21 dos 59 reactores nucleares que produzem energia eléctrica comercial nos Estados Unidos que encerrassem dentro dos 60 dias seguintes.

O encerramento obedecia à necessidade de determinar se se estavam desenvolvendo fissuras nas condutas dos seus sistemas de refrigeração. A ordem afectava as companhias eléctricas que vão de Nova York à Califórnia, do Michigan à Louisiana.

O encerramento foi ordenado quando se descobriram fissuras nas tubagens de três centrais.

Nun dos reactores, o Dresden n.º 2, da Commonwealth Edison, em Morris (Illinois), produziu-se uma fuga de água radioactiva usada para refrigerar o núcleo atómico do reactor.

Este escape, de uns vinte litros por minuto, fez soar o alarme que levou a ordem de encerramento.

Do total de reactores afectados, 20 foram construídos pela General Electric.

Os manifestantes contra a construção da central nuclear, a chegada ao local

cional deu ouvidos a razões, fosse de quem fosse?) E acabou por impor aqui as ferrentadas centrais, que já não pode impingir na própria América.

Centrais que se alimentam a urânio enriquecido, mate-

to verificadas neste fim-de-semana, nos concelhos de Peniche e Caldas da Rainha, o povo já tomou consciência ecológica desta realidade. Votar contra a central e votar contra a central e votar

do camisa em dois dias, torna-se agora o decisivo momento da opção, em casos como o da central nuclear. Votar contra é votar pelo socialismo. Votar a favor da central, é votar contra o socialismo.

## Carl Hocevar demite-se da Comissão de Energia Atómica

A imprensa norte-americana fez-se eco, em fins de 1974, da renúncia de um proeminente especialista em segurança nuclear, que abandonou o seu cargo na AEC (Comissão de Energia Atómica norte-americana).

Carl J. Hocevar, chefe de um dos métodos básicos da Comissão para analisar a segurança das centrais de energia nuclear, anunciou que renunciava ao emprego.

«Com o fim de ser livre para falar ao povo norte-americano sobre as condições potencialmente perigosas nas centrais nucleares — disse Hocevar que, apesar das promessas tranquilizantes que a AEC faz ao público mal informado e enganado, as questões não resolvidas sobre segurança da energia nuclear são tão graves, que os Estados Unidos deveriam considerar uma completa paralisação da construção de centrais, enquanto se não descobrirem se estas questões podem ser de algum modo resolvidas.

Carl J. Hocevar é um dos vários especialistas em investigação de segurança que se demitiram, em fins de 1974, do Idaho Safety Research Center, pertencente à AEC.

Declarou que pensava trabalhar com os críticos dos reactores nucleares, tais como a Union of Concerned Scientists e outros, para informar o público dos métodos que a Comissão estava usando, métodos que considerou completamente inaceitáveis para julgar os perigos dos reactores.»